

CHIMERA

FOLHA DE INFORMAÇÃO E CULTURA CAMPUS SÃO
SEBASTIÃO



ANO 3 | NÚMERO 8 | AGOSTO 2025

NESTA EDIÇÃO

03 Editorial

Entre recomeços e descobertas

04 Mary Shelley

A mulher que inventou a ficção científica

06 Frankenstein

O monstro é o humano ou a humanidade é monstruosa?

08 De volta às aulas

Plano de estudos para turbinar seu aprendizado

10 Notas culturais

Curiosidades e Notícias do Mundo dos Livros e da Cultura

11 Dicas do mês

Volta às aulas com boas leituras e filmes

EDITORIAL

EDIÇÃO CHIMERA – AGOSTO 2025

Agosto marca o retorno às aulas – tempo de reorganizar rotinas, renovar metas e redescobrir a força dos estudos. Nesta edição, pensamos em conteúdos que apoiem esse momento: um plano de estudos para turbinar seu aprendizado, notas culturais com playlists para acompanhar os estudos e a indicação de um curso gratuito da USP sobre literatura.

O título desta edição, Chimera, foi escolhido por dialogar com o universo de Mary Shelley e sua obra Frankenstein. A quimera é um ser híbrido, formado por partes distintas, assim como a criatura de Shelley nasceu da união de fragmentos. Mas o nome também simboliza imaginação, invenção e sonho – lembrando-nos de que a literatura e a ciência são capazes de criar novos mundos e novas perguntas.

Nossa personagem Bibiana retorna em mais uma tirinha, trazendo humor e ironia ao cotidiano da biblioteca. E, para fechar, as dicas do mês destacam o livro O Poder do Agora e o filme Gênio Indomável – obras que nos inspiram a olhar para dentro, acreditar no presente e valorizar a potência do conhecimento. Que esta edição de Chimera acompanhe seus recomeços e seja uma aliada nas descobertas do semestre.



Boa leitura!

Equipe da biblioteca do Campus
São Sebastião

MARY SHELLEY

A mulher que inventou a ficção científica



Nascida em 30 de agosto de 1797, Mary Wollstonecraft Shelley carregava em seu nome duas heranças poderosas: filha da filósofa feminista Mary Wollstonecraft e do escritor William Godwin, cresceu cercada de debates intelectuais sobre liberdade, política e justiça social. Mas, ainda que rodeada de ideias progressistas, a jovem Mary viveu em uma sociedade que não reco-

nhecia com facilidade a voz das mulheres na literatura – sobretudo em campos “sérios”, como a filosofia, a ciência ou a política.

Foi nesse cenário que, aos 18 anos, ela concebeu uma das narrativas mais ousadas da história. Durante um verão chuvoso em Genebra, em companhia de Percy Shelley e Lord Byron, surgiu a ideia de escrever histórias de fantasmas. Mary, no entanto, foi além: criou uma narrati-

va que unia ciência, filosofia e imaginação. Assim nasceu Frankenstein ou o Prometeu Moderno, publicado em 1818.

Na primeira edição, contudo, seu nome não aparecia na capa. A obra foi lançada anonimamente, e muitos leitores presumiram que o autor fosse Percy Shelley, seu marido, que havia assinado o prefácio. O anonimato não era apenas uma estratégia editorial: era também reflexo das barreiras impostas às escritoras de sua época, que muitas vezes precisavam ocultar-se para serem levadas a sério.

O sucesso inicial e as críticas mais positivas foram direcionadas àquele suposto “autor masculino”. Apenas na segunda edição, em 1823, Mary Shelley foi identificada como a verdadeira autora — e, mesmo assim, por muito tempo permaneceu mais associada à figura de viúva de Percy do que à genialidade própria de sua obra.

Mary Shelley não foi apenas “a mãe do monstro”: foi também uma pensadora que refletiu sobre política, identidade e os limites do humano. Produziu romances históricos, contos, ensaios e biografias, mas permaneceu, por

décadas, à sombra da criatura que inventou.

Hoje, porém, a história lhe faz justiça. Reconhecemos em Mary Shelley não apenas a autora de um clássico, mas a pioneira da ficção científica, uma mulher que ousou questionar sua época e que ainda nos inspira a refletir sobre ciência, ética e humanidade.

Elas também desafiaram seu tempo

Na era vitoriana, muitas escritoras precisaram usar pseudônimos ou enfrentar barreiras para que suas obras fossem levadas a sério. Conheça algumas delas:

- **As irmãs Brontë** — Publicaram sob os nomes Currer, Ellis e Acton Bell para não serem desmerecidas como “literatura feminina”. Mais tarde, revelaram sua verdadeira identidade.
- **George Eliot (Mary Ann Evans)** — Adotou um pseudônimo masculino para ter credibilidade. Seu romance Middlemarch é até hoje considerado uma obra-prima da literatura inglesa.
- **Elizabeth Barrett Browning** — Uma das poetisas mais renomadas do período, chegou a ser cogitada para o posto de Poetisa Laureada da Inglaterra — um cargo reservado a homens até o século XX.

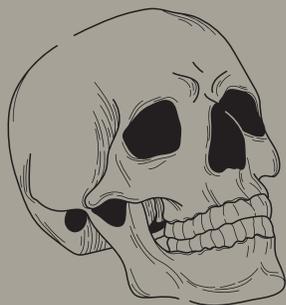
FRANKENSTEIN

Um personagem que nunca deixou de nos assombrar

Ele não tem nome. Criado por Victor Frankenstein em um laboratório repleto de ambição científica, o ser de Mary Shelley nasceu em 1818 para ocupar o lugar do “Prometeu Moderno”. Feito de fragmentos de cadáveres e do sonho humano de vencer a morte, a criatura é, ao mesmo tempo, maravilha e tragédia.

O que Mary Shelley deu ao mundo

não foi apenas um monstro: foi um espelho. A criatura, rejeitada pelo próprio criador, é condenada à solidão, ao medo e à violência – mas também revela compaixão, desejo de pertencimento e profunda humanidade. Desde então, a pergunta permanece: quem é o verdadeiro monstro? O ser rejeitado, ou a sociedade (e seu criador) que o abandonou?



Diferentes leituras ao longo do tempo

- No século XIX, críticos viram a criatura como símbolo do perigo do avanço científico sem ética.
- No século XX, com o cinema e as guerras, o monstro passou a representar o medo coletivo diante da tecnologia e da destruição em massa.
- No século XXI, sua imagem se atualiza em debates sobre inteligência artificial, biotecnologia e identidade: até que ponto nossas criações podem escapar do nosso controle?

Do terror à cultura pop

Desde sua primeira adaptação teatral, em 1823, Frankenstein nunca saiu de cena. O cinema consolidou sua imagem clássica: pele esverdeada, cicatrizes e parafusos no pescoço, tal como interpretado por Boris Karloff em Frankenstein (1931). A figura virou referência em quadrinhos, desenhos animados, filmes de horror, comédias e até em músicas. A cultura pop transformou o monstro em ícone: assustador e ao mesmo tempo carismático, capaz de aparecer tanto no Halloween quanto em sátiras televisivas. Ele é metáfora plástica e versátil – pode simbolizar o medo, o riso ou até a ternura.

Um mito moderno

Mais de 200 anos depois, o personagem criado por Mary Shelley segue vivo porque fala de nós mesmos. Ele encarna nossas contradições: a busca pelo conhecimento, a sede de poder, o medo da rejeição, a solidão e o desejo de ser amado.

Frankenstein não é apenas um monstro da literatura – é um mito moderno, recontado em cada geração. Uma criatura que carrega em seu silêncio e em seu corpo costurado a pergunta que nunca envelhece: até onde vai a humanidade quando decide brincar de ser Deus?



Frankenstein (1931), dirigido por James Whale

DE VOLTA ÀS AULAS

como montar um plano de estudos que funciona



Crie blocos temáticos

Em vez de estudar matéria por matéria, agrupe os conteúdos por temas próximos (ex.: biologia + química ambiental). Isso ajuda a conectar ideias e fixar melhor o conhecimento.



Estude em camadas

Faça uma leitura inicial rápida (visão geral), depois uma revisão detalhada e, por fim, um resumo ou mapa mental. Essa sobreposição fortalece a memória.



Use a técnica Feynman

Explique o que aprendeu como se estivesse ensinando a alguém sem conhecimento do assunto. Se não conseguir simplificar, volte e revise.



Estabeleça rituais de começo e fim

Acender uma vela, ouvir uma música instrumental ou preparar um chá pode marcar o início do estudo. Ao terminar, feche o caderno e guarde os materiais. Esses gestos sinalizam ao cérebro quando focar e quando descansar.



Varie os espaços de estudo

Alterar entre biblioteca, casa ou até um espaço aberto ajuda a manter a mente atenta. O ambiente influencia no foco e na motivação.



Lembre-se

Na penumbra da Biblioteca, cada página vira um portal. Traga seus livros, trace seus planos e deixe que o silêncio seja seu aliado nos estudos.

NOTAS CULTURAIS

Curiosidades e Notícias do Mundo
dos Livros e da Cultura

Playlist para usar como plano de fundo enquanto lê ou estuda:

Um mergulho na música brasileira dos anos 60 e 70, marcada por sons melancólicos, rebeldes e cheios de alma. Uma viagem inspirada na trilha do filme vencedor do Oscar “Ainda Estou Aqui”.



Bibiana, a bibliotecária em: Pré-requisito em falta



📺 Estreia na Netflix

Dia 30 de agosto, chega a nova adaptação de **Frankenstein**, clássico de Mary Shelley.

USP oferece curso gratuito sobre circulações literárias Brasil-França

O Instituto de Estudos Avançados da USP promove, em setembro, o curso “Circulações Literárias Brasil-França no século 20”, que discutirá como escritores, editoras e leitores construíram pontes culturais entre os dois países. As aulas são abertas ao público, online e gratuitas, com direito a certificado.

- Inscrições: 25 de agosto a 5 de setembro.
- Link: https://uspdigital.usp.br/apolo/apoObterCursocod_curso=370400021&cod_edicao=25001&numsegofedi=1
- Período do curso: 25 de setembro a 22 de outubro, às segundas e quartas, das 14h30 às 16h (com exceções na primeira e última aulas).
- Modalidade: Online, via Zoom.

DICAS DO MÊS

Volta as aulas com boas leituras e filmes

O Poder do Agora, de Eckhart Tolle



O livro O Poder do Agora, de Eckhart Tolle, tem uma mensagem simples e poderosa: a verdadeira paz e felicidade só existem no momento presente.

Esta obra é um guia para silenciar a mente, se libertar das preocupações e descobrir a força de viver no agora. Uma leitura essencial para quem busca mais tranquilidade e consciência no dia a dia.

Pronto para começar sua jornada? 🧑🏫♂️

📖 Livro disponível na nossa Biblioteca

Gênio Indomável (1997), dirigido por Gus Van Sant



Will é um rapaz brilhante e tem um grande talento para a matemática, mas trabalha como faxineiro em uma famosa universidade. O psicólogo Sean Maguire o ajuda a formar sua identidade e lidar com as emoções, direcionando-o na vida.

🎬 Assista Grátis no Mercado Play



Chá das cinco com literatura

Podcast mensal literário. Literatura, História, Cinema e assuntos diversos, afinal qualquer tema pode ser assunto para um chá das cinco!

ATÉ BREVE!



E assim se fecha mais uma edição da Folha de Informação e Cultura da Biblioteca. Em Chimera, revisitamos o imaginário de Mary Shelley, refletimos sobre estudos, cultura e descobertas, e demos vida a novas formas de aprender e sonhar.

Desejamos que estas páginas acompanhem seu retorno às aulas como um convite à curiosidade – seja no silêncio de uma leitura, no humor de uma tirinha ou no brilho de uma boa história.

Agradecemos sua companhia e seguimos juntos, entre livros e ideias, inventando caminhos possíveis.



Equipe da Biblioteca
Campus São Sebastião – IFB